RELATO DE EXPERIÊNCIA: A VIVÊNCIA NO GRUPO DE MULHERES DE MACAÚBAS, EM SAPEAÇU, NA BAHIA, A PARTIR DA ATUAÇÃO DA INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS DA UFRB

EXPERIENCE REPORT: THE EXPERIENCE IN THE GROUP OF WOMEN FROM MACAÚBAS, IN SAPEAÇU, BAHIA, FROM THE PERFORMANCE OF THE UFRB SOLIDARY ENTERPRISES INCUBATOR

Autor(es) Vívian Silva Santos[1], Eliene Gomes dos Anjos[2].
Filiação Universidade Federal do Recôncavo da Bahia[1], Universidade Federal do Recôncavo da Bahia[2].
E-mail vivian.ssantos.jp@gmail.com[1], elieneanjos7@gmail.com[2].

Modalidade: Relatos de Experiência

Resumo
Historicamente, a luta dos segmentos nomeados como agricultores familiares demonstra a grande relevância destes para construir uma sociedade menos desigual e se constituir em sujeitos de direitos com possibilidade de garantir seu modo de vida. A inserção em organizações associativas vem demonstrando ser uma estratégia eficiente para acessar políticas públicas e diversificar os canais de comercialização. Todavia, a gestão associativa continua sendo uma das grandes fragilidades das iniciativas da agricultura familiar. É neste contexto que este relato de experiência se insere. A vivência na extensão universitária proporcionada pela vinculação com a Incubadora de Empreendimentos Solidários, através do Projeto de Fortalecimento de Grupos Produtivos da Agricultura Familiar do Estado da Bahia, em Sapeaçu/BA, é objeto de análise neste relato de experiência. Para tanto, foi realizado uma pesquisa exploratória e documental, cujo centro é a observação dos problemas e dificuldades existentes no grupo produtivo de mulheres da comunidade de Macaúbas. Os resultados apontaram relevância da organização coletiva para o desenvolvimento da comunidade, ainda que tenha sido constatado a fragilidade dos vínculos associativos e do processo organizacional agravada pela imposição do distanciamento social com a crise sanitária do coronavírus, em 2020.
Palavras-chave: Educação cooperativa, Gestão associativa, Agricultura familiar.

Abstract
Historically, the struggle of the segments named as family farmers demonstrates their great relevance in building a less unequal society and constituting themselves as subjects of rights with the possibility of guaranteeing their way of life. Insertion in associative organizations has been proving to be an efficient strategy to access public policies and diversify marketing channels. However, associative management remains

one of the major weaknesses of family farming initiatives. It is in this context that this experience report is inserted. The experience in university extension provided by the connection with the Incubator of Solidarity Enterprises, through the Project for Strengthening Productive Groups of Family Agriculture in the State of Bahia, in Sapeaçu/BA, is the object of analysis in this experience report. For that, an exploratory and documental research was carried out, whose center is the observation of the existing problems and difficulties in the productive group of women of the community of Macaúbas. The results pointed to the relevance of collective organization for the development of the community, even though the fragility of associative bonds and the organizational process was verified, aggravated by the imposition of social distance with the health crisis of the coronavirus, in 2020.
***Key words**: Cooperative education, Associative management, Family farming.*

1. Introdução

As discussões e os estudos acerca do processo de formação educacional das cooperativas e associações nos trazem reflexões sobre o cenário das organizações, principalmente no âmbito da educação cooperativa e da gestão dos empreendimentos da agricultura familiar.

O objetivo deste trabalho foi relatar a vivência em um projeto de extensão da Incubadora de empreendimentos solidários - Incuba, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, que visa o fortalecimento da gestão associativa de um Grupo de agricultoras familiares, no município de Sapeaçu, Bahia. Observa-se que a inclusão social e econômica dos grupos produtivos da agricultura familiar, seja organizada em associações ou cooperativas, foi impulsionada pela oportunidade de acessar o mercado institucional. Não obstante, as sérias dificuldades para qualificar o processo organizacional, inclusive a gestão comercial, estão presentes nas organizações econômicas da agricultura familiar identificadas com a economia solidária no estado.

Com a necessidade de estarem vinculados a formatos associativos para ampliar o acesso a políticas públicas, os agricultores são desafiados a se organizar de forma coletiva. Neste cenário, é possível indagar sobre as ações de qualificação do processo organizacional das associações e cooperativas da agricultura familiar que contribuem para o desenvolvimento rural.

O tema relacionado à educação é bastante amplo e, as discussões sobre o processo de formação educacional das cooperativas e associações nos trazem reflexões sobre o cenário das organizações, visto que o tema perpassa por ambientes e aspectos diferentes, sendo, a educação, possível de ocorrer em processos e formas de aprendizagem em espaço formal e não formal. As mudanças ocorridas no processo organizacional da educação fazem com que a escola tenha que se adequar

a um novo papel. As novas tecnologias aplicadas na educação têm a proposta de recuperar o sujeito, valorizando sua iniciativa e sua criatividade.

Neste processo de ensino e aprendizagem da educação, Freire (1996) defende a necessidade de conhecimento e afetividade por parte do educador para que este tenha liberdade, autoridade e competência no decorrer de sua prática docente, e acredita que a disciplina não está no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos. Freire nos mostra como a educação pode ser libertadora e emancipadora, pois, principalmente, a educação tem o papel de auxiliar na tomada de decisões, por vezes de maneira crítica, fazendo com que o indivíduo consiga perceber a sua realidade política e social, onde busca transformar e construir os processos de aprendizagem.

Para além dos conceitos relacionados à educação cooperativa, é necessário observar nas organizações coletivas, as práticas autogestionárias percebidas nos processos de acompanhamentos dos grupos assessorados pela Incuba. A organização associativa desempenha um importante papel para o desenvolvimento socioeconômico. Neste sentido, as organizações de pessoas, sejam elas em associações ou cooperativas, tem contribuído para o empoderamento, a autonomia e a valorização das pessoas nas classes menos favorecidas. No entanto, enfrentam inúmeros desafios para assegurar sua viabilidade. Segundo Anjos et al. (2018, p. 75), para modificar esse panorama, “não é suficiente consolidar os vínculos entre os associados, mas se necessita, com urgência, de uma análise nos critérios de financiamentos ofertados às formas associativas, adequando-os à realidade da agricultura familiar. ”

O desenvolvimento dessa experiência teve início no ano de 2019, a partir da realização do estágio supervisionado e, posteriormente, da inserção como bolsista da Incuba, no projeto de “Fortalecimento de Grupos Produtivos da Agricultura Familiar do Estado da Bahia”, com financiamento do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Como bolsista, participei da equipe responsável pelo acompanhamento de um grupo produtivo que integra a Cooperativa das Mulheres Agricultoras Familiares de Sapeaçu – COOPEMAFS. Esse Grupo se localiza no distrito de Macaúba, município de Sapeaçu/Ba. Este relato é uma síntese do Trabalho de Conclusão de Curso que sumariza esta vivência, baseado nas observações realizadas durante as oficinas/reuniões com as agricultoras, nos relatórios produzidos como bolsista e documentos elaborados pela Incuba.

Para as mulheres rurais, residentes em uma comunidade com baixo dinamismo econômico, gerar renda com trabalho associado requer muito esforço e superação de várias adversidades. Os limites enfrentados com a produção e, consequentemente, com a comercialização são questões que exigem organização e planejamento estratégico. Para tanto, a comercialização em rede se apresenta como sendo uma estratégia viável para o desenvolvimento local e regional. Sendo assim, é possível inferir acerca da importância dessas experiências associativas e autogestionárias na vida dos agricultores familiares e os benefícios obtidos através dessas práticas.

2. Contexto

O projeto de fortalecimento de grupos produtivos tem como ponto de partida as ações articuladas entre os ambientes acadêmicos e territoriais, propondo na prática, formar/orientar os grupos produtivos da agricultura familiar para o seu fortalecimento, com geração de renda e promoção da segurança alimentar e nutricional. Para além das ações já realizadas, é necessário informar que o acompanhamento do grupo de mulheres da comunidade de Macaúbas ainda está em curso, dito isto, o relato apresentado refere-se ao período de tempo de maio de 2019 a dezembro de 2021.

O tema deste relato foi escolhido ao longo da minha formação acadêmica, a partir das discussões apresentadas em temáticas das disciplinas, principalmente nos debates acerca da educação cooperativista. Segundo Frantz (2001), educação e cooperação são duas práticas que se processam de tal forma que, sob certos aspectos, uma contém a outra. Nesta perspectiva, a educação cooperativista é uma ferramenta essencial para promover a fidelidade dos cooperados e o seu interesse em manter uma organização cada dia mais unida e fiel as suas necessidades, sendo também uma ferramenta para aproximar interesses e necessidades entre cooperados e suas cooperativas.

No percurso formativo na graduação em Gestão de Cooperativas, ficou evidente a necessidade de geração de renda dos segmentos mais vulneráveis, como as mulheres rurais, sobretudo, as mulheres negras. Esse contexto justifica a atuação da Incuba que contribui na promoção e no fortalecimento de empreendimentos solidários, estimulando à diversificação da produção e comercialização, o resgate do conhecimento tradicional, a superação das desigualdades de gênero, acesso a políticas públicas territoriais sustentáveis, com o intuito de promover a melhoria da qualidade de vida com atividades voltadas para a geração de trabalho, renda e cidadania, a partir da união do ensino, extensão e pesquisa universitária (PROEXT-UFRB, 2013). Em consonância com esses pressupostos, que o desenvolvimento do projeto, com suas atividades formativas, contribuiu na minha formação acadêmica e profissional, sendo exercitadas através das reuniões com a equipe técnica e oficinas realizadas na comunidade.

3. Descrição da Experiência

A Cooperativa das Mulheres Agricultoras Familiares de Sapeaçu – COOPEMAFS, fundada em 2012, com sede no município de Sapeaçu, em 2019 estava composta por 25 cooperados, distribuídos em 5 (cinco) grupos produtivos. As comunidades de Cana Brava, com a produção de sequilho, de Lagoinha, com a produção de sequilho e bolo, de Macaúbas, produzindo polpa de frutas e bolos, de Laranjeiras, produção de beiju seco, e de Tapera, com a produção de beiju molhado e tempero pronto (PROEXT-UFRB, 2019). A cooperativa foi constituída com o objetivo principal de acessar o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE.

No processo de fortalecimento da organização coletiva, as reflexões apresentadas neste relato de experiência focalizam um grupo que integra esta cooperativa. O núcleo desse grupo se localiza na comunidade de Macaúba, de Sapeaçu/Ba, criado em 2011, com cerca de 17 mulheres, a partir de mobilização e diálogos de lideranças locais e do poder público municipal[1]. Porém, com o passar dos anos, houve algumas mudanças em sua composição, devido às dificuldades existentes que resultaram na desmotivação e desistência de algumas integrantes.

As ações do projeto consistiram em: diagnóstico organizacional participativo, o estudo de viabilidade econômica e ações de capacitação e formação do grupo produtivo. Na avaliação realizada pelo grupo, esse processo tem sido importante para o aprendizado não só de gestão, bem como do entendimento daquelas mulheres enquanto grupo produtivo. Apesar das dificuldades ocasionadas pela pandemia da covid-19[2], as ações tiveram continuidade na forma remota, pela plataforma do Google meet. O distanciamento social dificultou enormemente dimensionar a efetividade no fortalecimento do processo organizacional. Entretanto, foi possível perceber as dificuldades, sobretudo no que tange à comercialização, principalmente em criar estratégias alternativas de vendas, para além dos mercados institucionais utilizados pelo grupo, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

O primeiro contato com o grupo de Macaúbas ocorreu na sede de beneficiamento de frutas, posto de trabalho do grupo. Esse encontro ocorreu em maio de 2019, contando com a participação de representantes da Incuba (03 professores, 2 estudantes e 1 técnico) com 10 mulheres associadas. Os objetivos do projeto foram apresentados e um plano de trabalho foi esboçado. Sumarizando, três pontos básicos seriam abordados: 1) Diagnóstico Organizacional Participativo (DOP), o qual consta de um levantamento da situação do grupo, através das técnicas de linha da vida e árvore de problemas; 2) Estudo de Viabilidade Econômica de Produtos (EVE); e, 3) Noções de associativismo e cooperativismo.

Esses foram os pontos de partida, que poderiam ser modificados ao longo do percurso da assessoria, em comum acordo com o grupo, a depender das suas necessidades. Nos encontros foram trabalhadas as técnicas: linha da vida e árvore de problemas, com vistas ao autoconhecimento sistematizado do grupo, que resultaria no DOP, bem como proporcionar esse conhecimento e integração com a equipe de assessoria.

[1] A Incuba atuou com o grupo produtivo de Macaúbas porque está associado à Coopemafs que foi beneficiária do projeto Fortalecimento de Grupos Produtivos da Agricultura Familiar do Estado da Bahia.

[2] A pandemia da COVID-19 pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) tem se apresentado como um dos maiores desafios sanitários em escala global deste século. Na metade do mês de abril DE 2020, poucos meses depois do início da epidemia na China, em fins de 2019, já haviam ocorrido mais de 2 milhões de casos e 120 mil mortes no mundo por COVID-19. No Brasil, até então, tinham sido registrados cerca de 21 mil casos confirmados e 1.200 mortes pela COVID-19.

Para um melhor entendimento do trabalho realizado, cabe uma descrição sumária das técnicas de linha da vida e da árvore de problemas, as quais subsidiaram o DOP:

- Linha da vida

Este instrumento serve para levantar informações objetivas e subjetivas sobre a história da organização, envolvendo e integrando os envolvidos. Os integrantes mais velhos trazem fatos passados e junto com os mais jovens buscam desenhar o presente, no sentido de que todos percebam as mudanças ocorridas. O objetivo é mostrar aos envolvidos que eles mesmos são os construtores da sua história através das suas ações. É importante assinalar fatos desde a comunidade e das influências externas, como construtores da situação real de hoje.

- Árvore de problemas

Trata-se de analisar a relação causa-efeito de vários aspectos de um problema previamente determinado. As raízes da árvore simbolizam as causas do problema; o próprio problema se encontra no tronco; e os galhos e as folhas representam os efeitos.

Após a realização do DOP, foi iniciado a construção do estudo de viabilidade econômica (EVE), que foi desenvolvido no período de novembro e dezembro de 2019, contando com a participação de técnicos do projeto e integrantes do grupo de produção.

O EVE de um empreendimento associativo tem por objetivo identificar as condições necessárias para que a atividade seja economicamente viável com uma gestão democrática. Este instrumento permite sistematizar o conhecimento que as pessoas envolvidas diretamente com o empreendimento possuem, ou seja, o estudo permite aos trabalhadores realizarem um *autodiagnóstico* do empreendimento associativo, analisando os aspectos econômicos e associativos e contribuindo para que todas as pessoas envolvidas conheçam bem a atividade.

O Diagnóstico Organizacional Participativo (DOP).

As ações se iniciaram partir da realização do DOP, que foram conduzidas por uma docente da UFRB/Incuba e a bolsista como relatora, com a intenção de resgatar a memória da experiência do referido Grupo. A partir das falas, foi possível sistematizar a história do grupo. Pelos relatos, a existência do grupo de Macaúbas data de 2011, com cerca de 17 mulheres. A proximidade de moradia agregou as agricultoras que buscavam gerar renda, mas, também, impulsionar o desenvolvimento comunitário.

A mobilização partiu de uma liderança local e do incentivo do poder público à época, através do Secretário de Agricultura do município. Havia no contexto municipal um diálogo sobre políticas públicas voltadas para a inclusão socioprodutiva de mulheres e, assim, junto com as lideranças rurais, aglutinaram as agricultoras de várias associações (algumas formais outras organizadas em grupos informais) para criar a cooperativa com o objetivo de ser o principal canal de comercialização.

Realizaram uma pesquisa sobre a produção dos diversos grupos e perceberam que o beneficiamento da mandioca, do aipim e das frutas cultivadas na região

possibilitariam a geração de renda tão almejadas pelas agricultoras. Com a criação da COOPEMAFS, o grupo produtivo de mulheres de Macaúbas também foi beneficiada com aquisição de equipamentos para produção de bolos e polpas de frutas com apoio das políticas públicas. Assim, acessaram o PNAE do munícipio, comercializando 200 (duzentas) unidades de bolos de puba e aipim. Por não dispor de um local próprio para a produção coletiva dos bolos, utilizou-se a casa de farinha da comunidade.

A encomenda foi considerada elevada, o que resultou numa articulação entre vinte mulheres da comunidade. A prática mostrou os desafios: jornadas de trabalho intensas, ficou patente a necessidade de um local adequado para produção e um valor de rendimento aquém das necessidades.

Tanto a renda, como a falta de apoio para manter a regularidade das atividades, foram fatores desestimulantes e algumas associadas desistiram da empreitada. Assim, o grupo se reduziu para 13 (treze) mulheres e, no momento de realização do DOP, contavam oficialmente com 9 (nove) integrantes, sendo que 7 (sete) se destacam mais pela atuação cotidiana.

Essas mulheres estão nas faixas etárias entre 30 e 60 anos, com escolaridade que varia do ensino fundamental ao médio. Todas têm número de inscrição social (NIS), que possibilita acesso à programas de transferência de renda. Os ganhos com a produção coletiva são apontados como uma complementação da renda familiar.

Em 2015, a COOPEMAFS foi contemplada pelo Projeto Especial da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional – CAR, da Secretaria do Desenvolvimento Regional (SDR), do governo da Bahia. A ação pública consistiu na construção de uma agroindústria de beneficiamento de frutas de pequeno porte em Macaúbas, comunidade onde residem as mulheres do Grupo. A obra ainda está inconclusa, em 2019, haja vista alguns percalços: houve uma mudança no projeto arquitetônico sem a devida autorização do poder público estadual, além de problemas com a prestação de contas dos valores recebidos. Esses fatores impedem o recebimento de verbas complementares e a obra não pode ser entegue, oficialmente. Também dificulta a regularização da agroindústria, no sentido de obter as licenças necessárias para a produção as polpas e, portanto, participar do PNAE numa situação regular e explorar o mercado convencional.

Mesmo com esses problemas, a partir de 2017, o grupo de mulheres passou a produzir na agroindústria, já que o prédio reunia as condições sanitárias e de segurança para a produção. O grupo passou a trabalhar na produção de polpas de frutas para o PNAE do município. Esse acordo foi uma articulação da cooperativa com a Secretaria de Educação municipal, no intuito de estimular a produção na unidade de Macaúbas. Foram produzidas polpas de frutas de vários sabores (umbu, cajá, goiaba, manga, tamarindo, acerola, maracujá e graviola), além da produção de bolos de puba e aipim.

Estudo de Viabilidade Econômica (EVE) e a Gestão Associativa

Na sequência houve a realização do EVE, cujos encontros ocorreram na unidade de beneficiamento, na comunidade de Macaúbas, em novembro e dezembro

de 2019. Após apresentações da equipe, as facilitadoras explicaram a importância do estudo de viabilidades para os empreendimentos.

No caso do grupo de Sapeaçu, o modelo de EVE estudado foi o praticado pela organização Cooperação e Apoio a Projetos de Inspiração Alternativa (CAPINA). Esse modelo foi escolhido justamente por ter sua aplicação para grupos alternativos, principalmente grupos da economia solidária. É bastante simples e sua linguagem busca estar próxima à praticada por esses grupos. Ainda assim, o modelo passou por uma adaptação para facilitar que o Grupo absorvesse o conteúdo.

Para o Grupo de Macaúbas, em reunião de preparação do encontro, o professor orientador discutiu com a bolsista as possíveis simplificações que não comprometessem a efetividade do EVE. Chegou-se à conclusão de que um exercício escrito, feito pelas próprias mulheres, atingiria o objetivo da absorção da técnica, bem como poderia ficar como guia para estudar a viabilidade de outros produtos. Assim, do modelo original proposto pela CAPINA, chegou-se a uma adaptação que foi denominada de “Guia estudo simplificado de viabilidade econômica”.

Nesse modelo, a parte conceitual foi extraída. A explicação conceitual foi explanada para o grupo na forma oral, à medida que se avançava nos tópicos do EVE. Alguns pontos que não comprometiam o estudo, foram também supressos. Essa adaptação decorreu do conhecimento que já se possuía sobre o grupo. O objetivo era de que as mulheres, ao preencher o formulário, pudessem se apropriar da técnica, ganhando autonomia.

Em resumo, a realização do EVE seguiu as etapas: primeiro, a escolha da fruta para o estudo na reunião; em seguida, junto com o grupo, se levantou os equipamentos que se utiliza para produção da polpa e o cálculo da depreciação deles. Depois, procedeu-se a conceituação e levantamento dos custos fixos; seguido dos custos variáveis, da margem de contribuição e do ponto de equilíbrio.

O produto escolhido foi a polpa de acerola, cuja produção o grupo já domina. Levantamos os equipamentos recebidos para estruturar a unidade de beneficiamento, compondo a análise dos investimentos feitos no empreendimento: liquidificador industrial, balança, freezer, liquidificador, despolpadora e mesa de inox. Levantado os equipamentos, calculou-se a depreciação incidente nos mesmos. Aí foi explicado que a depreciação é a reserva necessária para que, após um determinado período, tenhamos dinheiro suficiente para a aquisição de novos equipamentos, já que os antigos não duram indefinidamente

A seguir, foi a vez do cálculo dos custos fixos. Foi explicado ao grupo que estes seriam os custos que ocorrem sempre, mesmo não havendo produção. Um exemplo citado foi o de aluguel de um espaço, o qual terá de se pagar, havendo produção ou não.

Como custos variáveis foram identificados os itens da produção: fruta, embalagem, rótulo, água, luva, touca e transporte. Estes custos só ocorrem quando há produção e podem variar conforme a demanda e a quantidade a ser produzida. A mão de obra não entrou no cálculo dos custos variáveis porque o grupo acordou que o “lucro” final seria a remuneração do Grupo, repartido entre as mulheres que atuaram

na produção. Segundo o método da CAPINA, é aceitável essa forma de calcular, pois respeita a decisão do grupo, uma vez que não há empregados contratados.

Em seguida, foi a vez de se calcular a margem de contribuição. Nesse momento, explicou-se que esse item se refere à quantia em dinheiro que sobra do preço de venda, retirado o valor do custo variável unitário.

Finalmente se chegou ao item ponto de equilíbrio. Do mesmo modo que as etapas anteriores, o preenchimento desse tópico da planilha, deu-se após explicar que o ponto de equilíbrio é a quantidade mínima necessária de ser produzida e comercializada, para que o empreendimento consiga pagar seus custos fixos. Em outras palavras, foi demonstrado ao grupo o quanto é necessário se produzir e vender, para que essa quantidade garanta pagar os custos fixos. Esse mínimo garante que não se tenha prejuízo com a produção.

Esse estudo fora realizado em 3 reuniões: 2 delas para que a técnica pudesse ser passada ao grupo e uma terceira como exercício de consolidação. Nessa última, o produto a ser avaliado foi a polpa de goiaba.

4. Resultados, Produtos e Impactos

O desenvolvimento de ações que tenham o sentido de melhorar as condições de gerenciamento de unidades coletivas de beneficiamento é um grande desafio a ser enfrentado pelos agricultores familiares, visto as diferenças de cada realidade.

Paulo Freire (1996) entende a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos, não somente transmitindo conteúdos, mas redescobrindo, construindo e ressignificando estes conhecimentos, participando de suas realidades históricas, pessoais, sociais e existenciais.

A realização desta vivência foi extremamente formativa e construtiva na formação acadêmica, para além dos espaços da universidade. Nela foi possível compreender melhor o embasamento teórico adquirido em sala de aula e acompanhar a sua aplicabilidade, além de entender a importância da realização de ações de extensão, que contribuem com o desenvolvimento rural, como sendo papel das instituições públicas de ensino.

Nas ações do projeto foram utilizadas metodologias de incubação, como a realização do Diagnóstico Organizacional Participativo, Estudo de Viabilidade Econômica e ações de capacitação e formação do grupo produtivo. Nessas etapas, conheceu-se um pouco a história de formação do grupo produtivo, seus avanços e as dificuldades vivenciadas.

Pela devolução fornecida pelo grupo, esse processo tem sido importante para o aprendizado não só de gestão, bem como do entendimento daquelas mulheres enquanto grupo produtivo. Para a minha formação acadêmica, o papel de bolsista responsável pelo acompanhamento e desenvolvimento das atividades, contribuiu fortemente para gerar a experiência profissional necessária para meu desempenho prático.

A realização do DOP, articulada com o EVE e a qualificação da gestão associativa, teve como resultado a construção de planos de ação que compuseram atividades de acompanhamento e de capacitação para o grupo produtivo em diversas áreas como, por exemplo, as boas práticas de manipulação de alimentos, gestão associativa, desenvolvimento de novos produtos e comercialização e marketing.

5. Potencialidades

A organização da cooperação exige de seus participantes uma comunicação de interesse de todos, de objetivos, de argumentos e de decisões. Nesse processo de troca de saberes, acontece a educação. Porém, existe uma relação entre esses dois fenômenos: na prática cooperativa, para além de seus propósitos e interesses específicos, produz-se conhecimento, aprendizagem, educação; na prática educativa, como um processo complexo de relações humanas, produz-se cooperação, principalmente no ato de ensinar.

Assim, as práticas cooperativas na escola podem constituir-se em espaços pedagógicos, através dos quais os seus sujeitos tomam consciência das diferentes dimensões da vida social. E para além das escolas, os diferentes espaços sociais também se tornam meios de cooperação e aprendizagem.

A educação emancipadora para Paulo Freire é definida através da construção de uma visão crítica por parte das crianças e adolescentes durante a aprendizagem da educação básica. Sendo assim, a escola deve ser um lugar de trabalho, de ensino, de aprendizagem. Neste contexto, podemos ainda observar que esta construção não se limita apenas à educação básica. A atual conjuntura da universidade tem o desafio de implementar a curricularização da extensão nos cursos de graduação, que envolve o ensino a pesquisa e a extensão. E é neste processo de construção do ensino e do conhecimento que o indivíduo desenvolve habilidades e conhece novos ambientes e perspectivas.

6. Limites

O desenvolver das ações previstas do projeto de fortalecimento de grupos produtivos processou-se em duas etapas. A primeira, abrangeu o período de outubro de 2019 até março de 2020, de forma presencial, com visitas técnicas ao local de trabalho das mulheres. Nesta etapa, foram realizados os estudos do DOP e do EVE. A partir dessa data, aconteceu a segunda etapa, que, por decorrência da pandemia fomos forçados a suspender as atividades presenciais. Houve uma lacuna de tempo, até que se viabilizasse uma forma de manter o atendimento, guardando a devida segurança de todos e com as possibilidades materiais disponíveis. A princípio foram realizados, durante alguns meses, diversos encontros virtuais com a equipe de trabalho para discutir qual a melhor forma de dar seguimento às atividades. Após este período de diálogos foi possível perceber que essa etapa passaria a ocorrer de forma virtual, e a partir de março de 2021, utilizando-se da internet, na medida em que o grupo pôde dispor de equipamentos celulares e sinal de rede foi retomado a atividade.

Essa intercorrência dificultou e muito o desempenho do acompanhamento, com reflexos negativos no que o grupo poderia absorver de aprendizado, bem como para a própria pesquisadora com a experiência prática mais efetiva.

Devido à suspensão das visitas, não foi possível avaliar a atuação do grupo após a realização deste estudo, visto que pelas condições precárias de acesso à internet, não foi possível assegurar a participação de todas as mulheres que se envolveram nos estudos realizados. Além da questão tecnológica, a baixa escolarização limitava a assimilação dos conteúdos formativos pelo ambiente virtual, sem a mediação de metodologias mais participativas e lúdicas.

Para além do que já fora mencionado, as mulheres enfrentam a divisão sexual do trabalho que as sobrecarregam, essa realidade não é distinta para as que compõem o grupo de Macaúbas. Elas acumulam o trabalho doméstico, a invisibilidade do trabalho agrícola no estabelecimento familiar e, ainda, o desafio de viabilizar o grupo de produção como associado de uma cooperativa que não conseguiu criar organicidade entre todos que compõem seu quadro social.

Outro elemento limitador constatado foi a descontinuidade das políticas públicas, com as mudanças dos grupos políticos que ascendem ao poder municipal. Essas mudanças significam uma descontinuidade no estímulo à organização associativa e a não inserção da produção familiar do grupo no PNAE, por exemplo.

7. Lições aprendidas

Ser bolsista da Incuba revelou o tamanho do desafio para atuar como gestora de cooperativas com os empreendimentos da agricultura familiar, caracterizados pela situação de vulnerabilidade socioeconômica. Por outro lado, permitiu uma reflexão sobre as habilidades e competências necessárias, uma vez que terá de utilizar de práticas dialógicas, baseadas no respeito à diversidade de saberes, para entender os percalços que limitam a cooperação entre segmentos que historicamente vivenciam a adversidade.

A vivência referendou a importância dos programas de compras públicas, principalmente o PNAE, pois podem ser estruturantes para assegurar mercados para agricultores familiares. Pois são indutores da organização coletiva, que irá repercutir na situação econômica das famílias, mas, também, estimulam o protagonismo das mulheres rurais que rompem com o patriarcado que ainda estrutura as relações sociais do campo.

A organização em formas associativas da agricultura familiar favorece a redução das desigualdades que imperam nos espaços rurais, porém a falta de orientação e ausência da assistência técnica permanente dificulta a sustentabilidade dessas iniciativas. Os desafios enfrentados com a produção e, consequentemente, com a comercialização são questões que exigem organização e planejamento estratégico.

Atuar no fortalecimento dos empreendimentos associativos da agricultura familiar assegura o papel social da Universidade, mas não é esta instituição que tem

o papel da assistência técnica. Este serviço precisa ser assegurado pela política pública seja em âmbito estadual como federal, de forma permanente e qualificada, inclusive incluindo nas suas ações à qualificação da gestão associativa. Para viabilizar esta proposição, a UFRB já formou dezenas de gestores de cooperativas engajados com as lutas e demandas dos segmentos que compõem a agricultura familiar do estado da Bahia.

8. Referências

ANJOS, E.; OLIVEIRA, C. C.; SILVA, A. P. R.; SANTOS, V. C. **As demandas das associações comunitárias que contribuem para o desenvolvimento rural.** COLÓQUIO – Revista do Desenvolvimento Regional - Faccat - Taquara/RS - v. 15, n. 2, jul./dez. 2018. Disponível em: https://seer.faccat.br/index.php/coloquio/article/view/799. Acesso em 01 mar. 2022.

BEZERRA, A.; COSTA, R.; AGUIAR, K.; KRAYCHETE, G.; FROSSARD, C. **Uma proposta de formação: desmistificando os números.** Porto Alegre: Catarse, 2009. Disponível em: https://www.capina.org.br/biblioteca Acesso em: 11 jan 2022.

FRANTZ, W. **Educação e cooperação: práticas que se relacionam.** Sociologias, Porto Alegre, ano 3, nº 6, jul/dez 2001, p. 242-264. Disponível em https://www.scielo.br/j/soc/a/HfHsN49JQ3yPzd75kFMq6Hg/abstract/?lang=pt. Acesso em: 17 fev. 2022.

FREIRE P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JESUS, C. S., SANTANA, J. C., SANTOS, V. S., VELLOSO, T. R., **Relatório do Diagnóstico Organizacional Participativo**, 2019, Cruz das Almas- Ba. Trabalho não publicado.

JESUS, C. S., SANTANA, J. C., SANTOS, V. S., VELLOSO, T. R., **Relatório do Estudo de viabilidade econômica**, 2019, Cruz das Almas- Ba. Trabalho não publicado.

OLIVEIRA, L.V., ANJOS, E. G., **Paradoxos da participação em empreendimentos associativos no Recôncavo, Cooperativismo e associativismo rural na Bahia**, Cruz das Almas- Ba, EDUFRB, 2021, p. 143-169.

SANTOS, V.S.; SANTANA, J.C. **O grupo de mulheres de Macaúbas, Sapeaçu-BA: uma mostra da luta pela geração de renda**. Apresentação de Trabalho no VII Encontro Nordestino de Incubadoras da Economia Solidária, 08 de out. de 2021. Cruz das Almas- Ba.

SOUZA, F. **Cartilha: Extensão Rural e Associativismo**. Barra da Estiva-Ba. 2013. disponível em: <www.ifcursos.com.br > Acesso em: 14 out 2021.